

Diversidade, violência, sofrimento e inclusão em Gestalt-terapia

LILIAN MEYER FRAZÃO
KARINA OKAJIMA FUKUMITSU
[ORG.S.]



DIVERSIDADE, VIOLÊNCIA, SOFRIMENTO E INCLUSÃO EM GESTALT-TERAPIA

Copyright © 2023 by autores

Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**

Coordenação editorial: **Janaína Marcoantonio**

Revisão: **Karina Gercke e Mariana Marcoantonio**

Capa: **Renata Buono**

Diagramação: **Crayon Editorial**

Summus Editorial

Departamento editorial

Rua Itapicuru, 613 – 7º andar

05006-000 – São Paulo – SP

Fone: (11) 3872-3322

e-mail: summus@summus.com.br

Atendimento ao consumidor

Summus Editorial

Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado

Fone: (11) 3873-8638

e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

Sumário

Apresentação7
<i>Lilian Meyer Frazão e Karina Okajima Fukumitsu</i>	
1 Amor, sexo e o vínculo dialógico: um olhar gestáltico para a sexualidade humana	11
<i>Renata Escarlata</i>	
2 Violência contra mulheres: vitimização secundária e acolhimento a partir da Gestalt-terapia.	33
<i>Leda Mendes Gimbo</i>	
3 Experiências estrangeiras: passos gestálticos de uma psicologia andarilha na clínica com pessoas em situação de refúgio	51
<i>Laura Cristina de Toledo Quadros</i>	
4 Pessoas em situação de rua e a Gestalt-terapia: reflexões sobre o atendimento a essa população	71
<i>Gizele da Costa Cerqueira</i>	

5 Gestalt-terapia e redução de danos: aproximações para o cuidado de pessoas que usam drogas.	95
<i>Welison de Lima Sousa</i>	
6 Radicalizar o encontro clínico: compromisso ético e político de uma Gestalt-terapia racializada113
<i>Livia Arrelias</i>	
7 Sustentar o conflito: notas sobre a clínica gestáltica e as normatividades no campo.147
<i>Kahuana Leite</i>	
8 Manejo de atendimentos emergenciais envolvendo suicídio: a técnica AS MAES167
<i>Silvia Assumpção do Amaral Tomanari</i>	

Apresentação

LILIAN MEYER FRAZÃO

KARINA OKAJIMA FUKUMITSU

Diversidade e inclusão não são apenas duas palavras importantes na linguagem do acolhimento: também conjugam o intercâmbio necessário em direção ao respeito e ao desenvolvimento da dignidade existencial.

Diversidade implica a apreciação da diferença integrada à mobilização de energia em direção à novidade. Vai ao encontro da possibilidade de dar-se conta de que podemos ir além do conhecido e do padronizado.

Inclusão, por sua vez, consiste na articulação de identificações nutritivas a fim de que o ser humano se sinta pertencente ao mundo. Pertencimento é elemento essencial para que toda existência possa expandir suas fronteiras. Aliás, se o prefixo “ex” significa “fora”, tivemos como propósito, neste volume, expandir o significado de “existência”, considerando que essa palavra designa o “ser para fora”, como um ser de possibilidades, que transcende a violência e o sofrimento e enfrenta as adversidades das mais variadas formas. Portanto, o volume 9, “Diversidade,

violência, sofrimento e inclusão em Gestalt-terapia”, traz a proposta de apresentar esses temas a partir de experiências e reflexões dos autores, segundo a perspectiva gestáltica.

Renata Escarlate inicia este volume versando sobre “Amor, sexo e o vínculo dialógico: um olhar gestáltico para a sexualidade humana”. Nesse capítulo, a autora faz um convite a uma prática profissional mais autêntica e respeitosa, com o intuito de que o profissional seja o ser humano que se fortalece com suas interdições e limitações e é guiado pelas necessidades de pertencimento, amor, comunidade e acolhimento.

No capítulo 2, “Violência contra mulheres: vitimização secundária e acolhimento a partir da Gestalt-terapia”, Leda Mendes Gimbo oferece uma profunda reflexão sobre diversas formas de violência — física, sexual e psicológica — com base na teoria do *self*, destacando seu caráter complexo, multifacetado, pautado em relações de poder e no machismo estrutural. A autora alerta que o tema é de “ordem ampla e social, não devendo ser tratado apenas em sua dimensão privada”.

Laura Cristina de Toledo Quadros conduz os leitores a serem “viajantes” e, ao mesmo tempo, “andarilhos”. Sua vasta experiência em Gestalt-terapia garante a possibilidade de expandir fronteiras, apresentando, no capítulo 3, “Experiências estrangeiras: passos gestálticos de uma psicologia andarilha na clínica com pessoas em situação de refúgio”, a percepção de que “a clínica se constitui no movimento, no risco, e não na estabilidade”. A partir de sua pesquisa e experiência na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), apresenta um estudo belo e sensível sobre o fenômeno das migrações, realizado com base no atendimento e no acolhimento psicológico a pessoas em situação de refúgio.

“Pessoas em situação de rua e Gestalt-terapia: reflexões sobre o atendimento a essa população” é o tema do capítulo 4, de Gizele da Costa Cerqueira. A partir de sólida trajetória na área de saúde mental acompanhando pessoas que sofrem com o abuso e a dependência de álcool e outras drogas e atendendo pessoas em situação de rua, Gizele mostra a realidade tanto das pessoas em situação de rua quanto dos profissionais que atendem nos Consultórios na Rua, partilhando de lugar em comum no processo de cuidado em saúde desses indivíduos.

No capítulo 5, “Gestalt-terapia e redução de danos: aproximações para o cuidado de pessoas que usam drogas”, Welison de Lima Sousa, que vem trabalhando há alguns anos no cuidado de pessoas que usam drogas, visando à redução de danos, apresenta reflexões a partir de sua prática no consultório particular, no Consultório na Rua e no serviço público. A redução de danos foi se consolidando como uma estratégia de produção de saúde alternativa à lógica da abstinência, e o autor a considera como estando em consonância com uma ética do cuidado, questão central em nossa abordagem.

Livia Arrelias, no capítulo 6, “Radicalizar o encontro clínico: compromisso ético e político de uma Gestalt-terapia racializada”, coloca que “apossar-se de si, começar a narrar sua história com mais segurança, buscar e utilizar autorreferências são movimentos dinâmicos que adentram nosso sentir-pensar-fazer clínicos atuais, a partir da repotencialização de pessoas negras e indígenas a respeito de quem são, de suas culturas e histórias com narrativas que divergem das imposições coloniais”. A autora tece reflexões e considerações importantes relativas às populações negras e indígenas em nossa cultura branca e suas consequências.

Kahuana Leite, no capítulo 7, “Sustentar o conflito: notas sobre a clínica gestáltica e as normatividades no campo”, aborda o conflito a partir da perspectiva gestáltica sobre a agressividade, entendida como recurso para a preservação de si no contato com o mundo. A autora reflete sobre os motivos que nos levam a pensar a clínica apenas para pessoas brancas, heterossexuais e cisgêneras. Utiliza o termo “corpas não hegemônicas” para se referir às pessoas que não se encaixam na norma “branca, cisgênero, heterossexual, magra e sem deficiência” e aponta a importância de levar em consideração os aspectos políticos, econômicos e históricos que estão presentes nas formas de subjetivação na cultura.

Com base em sua experiência no treinamento da Abordagem Técnica a Tentativas de Suicídio (ATTS) realizada no Corpo de Bombeiros do Estado de São Paulo, Silvia Tomamari apresenta, no capítulo 8, “Manejo de atendimentos emergenciais envolvendo suicídio: a técnica AS MAES” [Amorosidade e Sabedoria no Manejo de Atendimentos Emergenciais envolvendo Suicídio]. A autora descreve a técnica e assinala diferenças entre ela e aquela utilizada pelos bombeiros em situações de tentativa de suicídio.

Desejamos que você acompanhe a leitura destas reflexões profundas com a curiosidade de quem se vê diante do novo, dando boas-vindas à diversidade. Que nesta trajetória, em que somos apresentados à violência e ao sofrimento, saibamos ver a inclusão como princípio integrador que nos permite continuar.

1

Amor, sexo e o vínculo dialógico: um olhar gestáltico para a sexualidade humana

RENATA ESCARLATE

Aqui me encontro.

E aqui você se encontra.

Eu, em contato com a minha necessidade de trazer “respostas” às suas perguntas, que imagino na minha cabeça. Você, com sua busca, sobre a qual só posso presumir.

Não é um bom começo para um diálogo. Assim sendo, partirei da premissa de que não tenho respostas a oferecer, apenas reflexões; e a você caberá usá-las da forma mais edificante possível durante a sua caminhada e em oferenda à sua busca. Podemos combinar assim?

Um segundo combinado que quero fazer com você é que neste breve texto não caberia uma discussão aprofundada sobre as diversidades em sexualidade, tanto no que concerne às múltiplas orientações quanto em relação às muitas possibilidades identitárias. Portanto, partirei das premissas tradicionalmente normativas de papéis de gênero, porém convido você a experimentar o presente capítulo de acordo com suas

próprias colonizações, introjeções e questionamentos, ouvindo seus incômodos e respeitando suas reações.

Digo isso porque acredito muito na importância de que cada um de nós, Gestalt-terapeutas, reflitamos sobre a construção da nossa própria sexualidade, nosso estar-no-mundo, nossas religiosidades moralizantes, nossas limitações, medos, idealizações e introjeções, para que, no momento do nosso encontro com a sexualidade do outro, estejamos livres para compreendê-lo do ponto de vista *dele*. Esta é uma meta e compromisso que acredito que nos cabe incorporar, não só à nossa prática profissional, mas também ao nosso trânsito em uma sociedade cada vez mais plural e (espero) inclusiva.

Ao nos engajarmos em um processo psicoterapêutico, estamos fadados a nos depararmos com medos, inseguranças, vergonhas, alienações de partes do *self*, enfim, com os resultados das interdições apreendidas por nosso cliente desde a infância, isso sem mencionar os traumas decorrentes de feridas e violências que essa pessoa pode ter sofrido ao longo da vida. Porém, acredito que o cuidado e atenção aos traumas sexuais nos exigiria aprofundamento em um texto exclusivamente dedicado ao assunto. Aqui, falaremos da forma pela qual aprendemos a nos relacionar, em condições “normais”, normatizantes.

Como terapeutas, nós também carregamos nossas próprias interdições normatizantes; portanto, em nosso ofício, a empatia e o respeito precisam nortear o cuidado profissional.

De acordo com Beatriz Cardella (2015, p. 73):

Diante do amor do terapeuta e de suas diferentes facetas — a atenção, a hospitalidade, a ternura, o reconhecimento, a compreensão,